



COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. D.—*Depois*, versos, por José Newton. *A estatua de Memnon*, por Pinheiro Chagas.—*Das pequenas nacionalidades europeas*, (continuação), por Alberto Pimentel.—*Lyrrio*, soneto, por Joaquim Lima.—*Estudos litterarios, Rosa Bonheur*, por D. Guiomar Torrezão.—*A feira do Campo Grande*, por Alfredo Gallis.—*A felicidade*, por Magalhães Fonseca.—*As nossas gravuras*.—*Em familia* (*Passatempos*).—*A rir*.—*Um conselho por semana*.—*Traços da historia contemporanea*, (conclusão), por A. C.

GRAVURAS:—*Hospital Real das Caldas da Rainha*.—*João José dos Reis Junior*.—*Dr. José Ferreira de Araujo*.—*Luthero*.—*Chevreur*.—*Um guarda vigilante*.

não tenciona voltar com a palavra atraz nem por um decreto da Providencia, Sua Alteza declarou ao povo e ao senado que, inspirando-se somente do seu amor pelas instituições e pela prosperidade do reino, esperava cumprir sempre os deveres que o seu juramento lhe impunha.

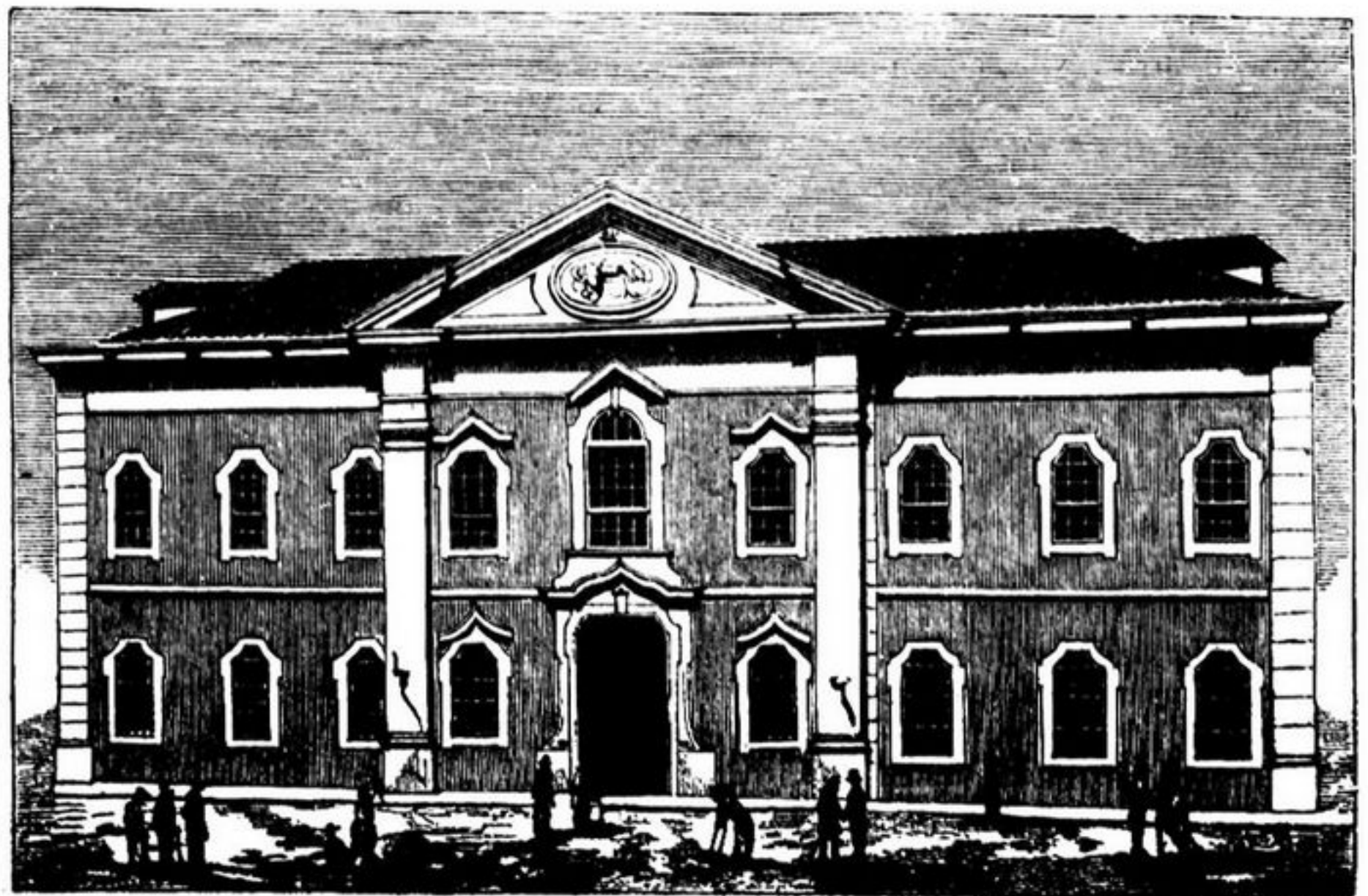
Por fim, o augusto principe manifestou a crença profundissima de que el-rei, no seu regresso proximo, encontraria o paiz gozando a mais tranquilla, a mais venturosa e a mais podre de todas as pazes, a bem di-

CHRONICA

Jurou Sua Alteza.

Pondo gravemente a dextra principesca sobre os Santos Evangelhos, com toda a seriedade e compostura reclamadas em casos d'esta indole solemne, o joven duque de Bragança protestou manter a religião catholica, apostolica romana e a integridade do reino; observar e fazer com que todos observassem a constituição politica da nação e mais leis vigentes; prover ao bem geral do paiz quanto em si coubesse; guardar fidelidade a el-rei o sr. D. Luiz, e entregar-lhe o governo logo que o soberano ausente regressasse ás terras lusitanas.

Feita esta jura n'um tom firme e seguro, no tom de quem



HOSPITAL REAL DAS CALDAS DA RAINHA

zer a paz d'um tumulto, a plena paz das necropoles sombrias.

Houve quem achasse serodio e superfluo o juramento de Sua Alteza Serenissima. Serodio, porque foi proferido depois d'uns poucos de actos de governo, quasi nas vespuras de abandonar o throno e a regencia, a dois passos da vida liberrima de principe sem corôa e sem responsabilidades governativas. Superfluo, porque ninguem punha em duvida as boas intenções do sr. D. Carlos, nem a sua fervorosa fé de bom catholico, apostolico, romano, nem a sua observancia dos preceitos constitucionaes, nem o seu amor pelo paiz, nem a sua fidelidade ao rei, nem o seu proposito firme de entregar as redeas da governança nas mãos paternas, mal regressasse o verdadeiro soberano d'estes Estados.

D'ahi, o chamarem á jura do regente uma redundancia e um pleonismo. E' como se o sr. Fontes viesse jurar-nos sobre umas Horas que mantinha o seu credo regenerador intemerato, e o nobre duque de Albuquerque protestasse, com a mão sobre os Evangelhos, que jamais seriamos capazes de descobrir, no seu bigode negro e pastoso, uma branca reveladora de sete duzias de janeiros.

Ha, sobre tudo, uma coisa que não precisava de ser jurada:—o proposito de restituir immediatamente o governo a el-rei, assim que S. M. recolhesse da sua visita ás côrtes estrangeiras.

Estava no espirito de toda a gente a convicção inabalavel de que o Principe não quereria fazer do governo propriedade sua exclusiva, lezando os legitimos direitos paternos, com a semceremonia d'um sujeito que se assenta á mesa alheia e dá ordem aos creados para o servirem primeiro. De resto, todos nós sabemos que o officio de reinar não é das coisas mais reinadias para principes, nos tempos modernos, principalmente quando esses principes são noivos e entreveem em sonhos de ventura e de amor a imagem mal definida, mas já risonha, d'um pequenino descendente esperado com alvoroço.

Isto de governar *super omnia*, sécca, enfada, aborrece, pelo menos tanto como o ser o governado. Não deixa tempo para mais nada, não permite o goso pleno e suave de todas as alegrias sonhadas, não consente que se corra atraz d'uma borboleta ou d'uma fanthasia.

Depois, os srs. ministros, em geral, são umas creaturas muito estopantes, muito importunas, muito pegajosas. Agarram-se á realeza e não a largam. Teem visco, teem cerol, teem grude nas mãos e nas pastas. Succede mesmo, ás vezes, que, quanto mais arredios andavam das alcatifas regias, fóra do poder, mais se lhes grudam, dentro d'elle, com uma persistencia incommoda, com umas zumbaias destoantes d'antigas desprimores e de velhos insultos que ahi correm impressos nas gazetas indigenas.

Por todos estes motivos e, por varios outros ainda, é bem de crer que Sua Alteza não morra de entranhados affectos pela governação do reino, e que espere sofregamente o momento de se descartar d'ella, restituindo-a nas mãos onde de direito cabe.

Com verdadeiro gaudio o dizemos, o acto solemne do juramento da regencia perante as duas camaras reunidas, realisou-se muito á boa paz, sem explosões de dynamite, nem trovoadas de rhetorica, nem tempestades de doestos arremessados pelos representantes do paiz contra as cabeças dos dictadores.

A expectativa publica ficou lograda, os *badauds* acharam-se roubados, quando souberam que não tinham corrido rios de sangue no seio da representação nacional.

Por mais que os devotos da tragedia pedissem varios hectolitros bem medidos de sangue quente, berrando que estava no programma da solemnidade, e que o sr. Botas, perdão, que o sr. Fontes não soubera dirigir

a lide, as alcatifas do parlamento lá se conservam limpas de toda a mancha vermelha, e o governo ahi está, vivo e são que é mesmo um louvar a Deus.

No dizer conceituoso e pittoresco d'uma folha regeneradora, as opposições convenceram-se de que ninguem já lhes tirava de cima dos lombos a dictadura. Competrados d'esta grande e tristissima verdade, acharam que não valia a pena matar ninguem. Por isso ninguem morreu. Por isso Sua Alteza manifestou a crença profunda de que el-rei viria encontrar o paiz no gozo da paz mais tranquillã, a paz dos cemiterios. Dize-me com quem lidas . .

Fartos de ver sangue já nós andavamos, havia dias, e bom foi, portanto, que a tragedia do Hospital Estephania se não estendesse até ao santuario das leis.

E' sobejamente conhecido, com todos os seus pormenores mais sujos e mais horrendos, o negro caso a que queremos alludir. Ha, mesmo, a respeito do estranho acontecimento, um subsidio de detalhes talvez demasiado realistas e inconvenientes, fazendo, nas gazetas, o gyro das casas honestas e limpas.

Um Libanio qualquer, um patife da peor raça, vindo de cumprir degredos longos em Africa e reclusões demoradas no Limoeiro, mata á facada a irmã, Antonia Virginia, de quem era amante e de quem houvera tres filhos!

Eis, em toda a sua nudez, o crime brutal e extraordinario que espantou Lisboa inteira na semana extincta.

O movel do assassinio:—o ciúme. Torpe! Circunstancias em que elle se praticou:—diante do cadaver ainda quente da mãe de ambos. Horrivel!

Pormenores elucidativos, para a historia da criminalidade de Lisboa:—o assassino iniciara a vida de gatuno em 1868, contando apenas 15 annos; esteve tres annos em Africa; entrou 14 vezes no Limoeiro e cerca de 20 na Boa Hora.

Bacharel formado na crapula e na vadiagem, tinha toda a sciencia do crime, adquirida no convivio dos *habitués* dos presidios, dos carceres e das espeluncas da jogatina.

E' provavel que amanhã lhe chamem doido e lhe deem Rilhafolles por guarida.

A' suavidade dos nossos costumes repugnarã, por certo, que um bandido d'esta laia balouce do alto d'uma forca redemptora.

E, todavia, a forca fez-se para elle, como o despreso e o esquecimento se fizeram para servir de mortalha a Antonia Virginia,—a barregã bestial e incestuosa do torpe assassino.

C. D.

DEPOIS

Quando, cadaver de alabastro antigo,
Fôres dormir na terra humida e fria,
Não temas, flôr, a repugnante orgia
Que os vermes fazem no sagrado abrigo.

Revive em rosas a materia. A palma
Da summa dôr, pertence a quem, de rastros,
Anda no mundo a namorar os astros,
No corpo a vida, mas a morte n'alma.

Não tenhas medo, filha; o sol radiante
Fecundará saudades no teu leito;
Minh'alma, unvida em fervido respeito,
Ha de o somno velar da ideal amante.

A' tarde irão chorar-te as toutinegras;
Rescenderão jasmins na tua cova;
Como no ambiente da virginia alcova,
Rescende o odor das tuas tranças negras.

E a luz da lua poisará sentida,
Na lousa assente em tenebroso engaste.
Como a estelra de luz que tu deixaste
Na treva tumular da minha vida.

JOSÉ NEWTON.

A ESTATUA DE MEMNON

O ultimo numero da *Revista de Edimburgo*, d'aquella celebre revista que foi no principio d'este seculo a arbitra do gosto, e que ainda vive, publicando regularmente, de tres em tres mezes, o seu volume de 300, paginas com a sua forte capa azul e a sua lombada de um amarello pallido, a *Revista de Edimburgo* pois, no seu n.º 335, de julho de 1886, numero de ordem que attesta uma existencia de oitenta e tantos annos, insere um longo artigo, intitulado, *The voue of Memnon*, que nos dá elementos para fallarmos aos leitores da *Illustração* n'essa famosa estatua de Memnon, de que tão largamente se tem usado e abusado na rhetorica.

Conhecem a lenda, que é formosissima. No meio dos areiaes do Egypto ergue-se uma estatua colossal, estatua que é, ao mesmo tempo, uma lyra, em que os raios do sol nascente desferem todos os dias sons harmoniosos. Nada mais poetico do que esta tradição. Assim, a estatua de Memnon seria a lyra colossal de Apollo, porque é o proprio Apollo que, com os seus raios matinaes, longos e finos dedos de ouro, arranca dos recessos da estatua as melodias da aurora. Accrescenta-se que o proprio Memnon, cuja estatua possuia tão sobrenatural poder, passava por ser filho da Aurora, e por conseguinte parente proximo do sol. Esse concerto era portanto um concerto de familia.

A inverosimilhança da cara fez provavelmente com que todos os que conhecem a lenda a tomassem por uma d'essas risinhas creações da mythologia antiga, por um d'esses sonhos do mundo oriental, que são os mais sublimes pcemas que a humanidade concebeu e phantasiou. Pois não é assim, a estatua de Memnon teve effectivamente voz. Existiu e existe, mas hoje, privada das suas faculdades musicas, muda como o Egypto em cujo solo se levanta, como o deserto a cujas portas ergue o seu vulto melancholico e monstruoso.

A distancia de cerca de dois kilometros do Nilo, e proximo das ruinas de Thebas, exactamente no ponto onde pára a inundação do Nilo, levantam-se dois colossos, que desenham no céu azul do paiz egypciaco os seus vultos imponentes. O viajante pára surprehendido diante d'esses gigantes de pedra, que se erguem ali ha trinta e quatro seculos, e um dos quaes é a estatua de Memnon.

Nós hoje conhecemos o Egypto do tempo dos Pharaós como não conhecemos o Portugal do tempo da dynastia brigantina. Andaram commissões sobre commissões á procura dos restos de Camões e dos restos de Vasco da Gama e não encontraram coisa com geito. Pois no outro dia encontrou-se perfeitamente conservado o cadaver de Sesostris, cadaver que já foi devidamente photographado!

Sabe-se portanto, tambem, sem a minima duvida, que estas duas estatuas são as veras effigies do pharaó Amenophis, III, que reinou 1:500 annos antes de Christo. Foi o esculptor o sr. Amenhotep, filho de Hapu, que nos deixou, em optimos hieroglyphos, a historia da composição e da criação d'essas duas estatuas. O nome de Amenophis foi transformado pelos Gregos, sempre avidos de encontrar, em toda a parte, vestigios da lenda homerica, no nome de Memnon, que foi com os seus Ethiopes em soccorro de Troia, e alli foi morto por Achilles.

E' curioso que os Gregos tão completamente se apoderaram da tradição da estatua que citavam como prova de ignorancia dos sacerdotes egypcios o chamarem-lhe estatua de Amenophis, quando afinal de contas está hoje plenamente demonstrado que eram os sacerdotes egypcios que tinham rasão e os Gregos que não sabiam o que diziam.

Acontece porem un a coisa curiosa, e que vibrou um profundo golpe á poesia da estatua melodiosa. O primeiro escriptor que falla no caso, antes da musica, é Strabão, que visitou o Egypto no anno 20 antes de Christo. Ora é sabido geralmente que, no dia 27 antes de Christo, houve no Egypto um grande terremoto, que partio ao meio a colossal estatua, ficando sentada no seu throno a metade inferior do colosso, e tendo caido em terra e para o lado a metade superior.

O' poesia mythological ó rhetorical ó illusões dos nossos estudos classicos! Como era bello imaginar essa estatua mysteriosa isolada, com a sua companheira, no meio do deserto, e desferindo ao vento da manhã, apenas lhe tocava nos labios de pedra o primeiro raio de sol, o hymno da aurora. E os navegantes, que passavam ao longe sobre as aguas do Nilo, ao ouvirem essa musica inesperada, paravam enlevados, e dizendo: E' Memnon que canta. E' o sol que desperta nos labios da estatua sagrada o hymno maravilhoso. Aqui no Egypto, o sol faz desabrochar com os seus primeiros raios, com os seus raios fecundantes, até na arida pedra as flores da melodia! E os poetas discreteavam em devaneios sem fim sobre esse thema encantador.

Tem porem a palavra a prosa dos factos, e o que nos diz a prosa? diz-nos que a famosa melodia matinal não saia dos labios de Memnon, porque a cabeça da estatua achava-se partida e muda no chão. A melodia de Memnon saía-lhe... das entranhas. Ao nascer do sol roncavam as tripas de Memnon. Aqui está a que se reduziu em vil prosa a lenda poetica d'uma Patti de pedra da antiguidade pharaonica.

Como um faquista vulgar da Mouraria, como um fadista da travessa da Agua de Flor, o tremor de terra do anno 27 antes de Christo poz a Memnon *as tripas ao sol*, e as tripas, achando-se ao sol, roncavam ignominiosamente. Foi este ronco transformado pelos poetas n'um hymno da manhã. Vêm os eruditos e escavacam a tradição!

Nunca fazem d'outras os sabios. Que importava ao sr. Letronne, o famoso egyptologo, que importava a sir Gardner Wilkinson, o author de *Thebas e o Egypto moderno*, que importava ao collaborador da *Revista de Edimburgo*, ao commentador implacavel do *Corpus inscriptionum græcarum* e do *Corpus inscriptionum latinarum* que a estatua de Memnon cantasse com os labios ou com as tripas? Fazia-lhes algum mal esta doirada tradição? Esses senhores, uma vez ou outra, haviam de fazer versos, e sempre desejava saber como é que elles se arranjavam, depois de darem cabo de todas as comparações que até aqui constituíam o guarda-roupa de toda a versalhada que se respeita.

O *canto do cysne* foi-se! está provado que os cysnes á hora da morte fazem *coac*, e mais nada; o *Canto de Memnon* acabou-se; provaram estes senhores que era o rosneer das tripas de uma estatua; o epithalamio do rouxinol em honra das rosas já não existel uns mythologistas de má morte demonstraram cabalmente que os rouxinoes importam-se tanto com as rosas, como com as nabijas. O que fica, fazem favor de me dizer?

E' pois certo, emfim, que Strabão foi o primeiro que ouviu a voz de Memnon, que se parecia, diz elle, com um sopro tenue mas agudissimo. Depois foi Germanico; depois, finalmente, ir ouvir a estatua de Memnon foi para a antiguidade uma passeiata como é para os modernos o ir ouvir um echo celebre; e tambem, como os modernos, os passeiantes gregos e romanos, depois de comerem, sentados na areia, o seu almoço de eirós do Nilo, de caldeirada, regadas com um vinhito de Thebas, ouviam a estatua, e inscreviam nas pernas da sobredita a historia das suas impressões, uns em prosa, outros em verso. Entre as composições poeticas ha uma, que realmente não é má, e que os leitores comprehenderão, logo que se lembrarem de que lhe dissemos que os Gregos suppunham ser esta estatua a de Memnon, filho da Aurora, e morto por Achilles. O viajante grego escreveu pois o seguinte:

«Thetis, filha do mar, sabe que Memnon, quando o facho de sua mãe se accende nos céus, inflammado pelo seu ardor, desperta e solta um grito;

«Debaixo da fronte das lybicas alturas, no sitio em que o Nilo corta ao meio a cidade das gloriosas portas, Memnon acorda para a vida;

«E entretanto o teu Achilles, que na peleja nunca deixou de sentir umas alegrias selvagens, hoje está mudo nas planicies da Thessalia, está mudo nas planicies de Troia.»

Raras são porém as inscrições d'este valor. A maior parte são de passeiantes sem litteratura, entre os quaes se conta um soldado da terceira legião, que declara que ouviu a estatua doze vezes. Tudo isso está compilado cuidadosamente no *Corpus inscriptionum græcarum* e no *Corpus inscriptionum latinarum*.

O que é a erudição! O' visitantes de sitios celebres, que de lapis ou de canivete em punho escreveis ou inscreveis nos muros das capellas e nos pedestaes das estatuas a narrativa das vossas merendas, sem estylo e sem orthographia, sabei que um dia a vossa prosa e os vossos nomes virão a figurar tambem no *Corpus inscriptionum lusitanarum*, e que da vossa orthographia phantasia tirarão os sabios do futuro as mais estranhas conclusões. Dirão que, apesar de não ter sido bem acolhida pela Academia a reforma orthographica do sr. Barbosa Leão, encontrou excellente acolhimento entre o povo, tanto assim que todas as inscrições do seculo XIX são em orthographia sonica. E o seculo XXXVIII levantará estatuas a José Barbosa Leão, estatuas em cujo pedestal hão de figurar tambem inscrições n'um sonico já differente.

Até ao tempo de Septimo Severo, quer dizer até ao anno de 200, continuára a estatua de Memnon a soltar os seus estranhos sons, mas n'esse anno, Septimo Severo fez concertos, restabeleceu a integridade da estatua, e a estatua immediatamente emmudeceu. Nunca mais depois d'isso se ouviu no Egypto a voz de Memnon.

E' claro, por conseguinte, que esse phenomeno musical se ligava com a fractura da estatua. O som não era sempre igual, e nem sempre se produzia perfeitamente ao romper do sol. E' evidente portanto que o calor do sol era o factor do phenomeno, que se produzia, quando esse calor chegava a uma certa intensidade. Teem-se dado diversas explicações scientificas. Uns attribuem o som a correntes de ar passando pelas fendas da estatua, outros á diversa dilatabilidade dos diversos ingredientes que formam a materia da estatua, materia em que entra uma grande porção de areia; outros, emfim, dizem que ha effectivamente uma dilatação superficial e que as pedras, roçando umas pelas outras, produziam esse som mysterioso. Tudo isso é um pouco vago, e o melhor será seguir o conselho da *Revista de Edimburgo*: partir de novo a estatua, ver se o phenomeno se reproduz, e estudal-o.

Se a sciencia authorisa a vivi-seccão, com mais justiça ainda permittirá a litho-seccão. E, realmente, seria curiosissimo se de novo, nos desertos do Egypto, se erguia solemne e grave a voz de Memnon, ha tantos seculos emmudecida.

PINHEIRO CHAGAS.

DAS PEQUENAS NACIONALIDADES EUROPEAS

Republica de S. Marino

V

Um thesoureiro geral é encarregado da administração financeira da republica.

De um simples lance de olhos inspeciona-se todo o orçamento d'este pequeno estado, que, comquanto seja modestissimo no seu orçamento, conserva comtudo uma situação pecuniaria inteiramente desembaraçada, como vamos ver pela media, durante os ultimos cinco annos, das suas receitas e despezas.

Receita

Direitos senhorias.....	9.360.5000 réis
Impostos directos.....	980.5000 "
Impostos indirectos.....	800.5000 "
Saldo anteriores.....	4.100.5000 "
Receitas diversas.....	8.100.5000 "
Total.....	20.340.5000 "

Despeza

Regencia.....	4.500.5000 réis
Justiça.....	4.466.5009 "
Despezas militares.....	4.519.5000 "
Instrução publica.....	3.095.5000 "
Administração geral.....	42.076.5000 "
Total.....	19.656.5000 "

Esta pequena republica italiana não tem divida publica; é n'isto bem mais feliz do que a poderosa republica dos Estados-Unidos que, comquanto tenha saldos, tem ainda uma grande divida, não obstante as importantes amortisações já realizadas.

O exercito compõe-se de tres corpos, a saber:

1.º Milicia propriamente dita, constituída por todos os cidadãos validos de dezoito a sessenta annos, comprehendendo cerca de 1.200 homens perfeitamente armados e equipados.

2.º A guarda nobre ou guarda *d'élite* (24 soldados) encarregada de proteger o conselho soberano e os regentes.

3.º A guarda da fortaleza (97 homens).

Ha ainda uma brigada de policia (gendarmeria), recrutada no estrangeiro, e que tem a seu cargo velar pela manutenção da ordem publica; e uma banda composta de vinte e oito musicos.

A instrução popular não tem sido descurada pelo governo da republica.

Além de uma universidade, fundada em 1691, e cujo plano de estudos é muito completo, existe um grande numero de escolas elementares e primarias.

S. Marino possui bibliothecas muito importantes. A do estado conta mais de dez mil volumes, sendo grande o numero de obras offerecidas pela França como testemunho de estima e amizade.

Pelo que respeita á organização ecclesiastica, indicaremos que a cathedral de S. Marino é administrada por um arcebispo que tem o titulo de auditor-bispo, e que a sua jurisdicção se estende a sete parochias, a saber: Domagnano, Serravalla, Chiesa-nuova, Acquaviva, Fiorentino, Mongiardino e Faetano.

Se a republica de S. Marino tem porfiado em ministrar aos seus cidadãos o pão do espirito, não menos se tem empenhado em que lhes não falte o pão do corpo.

O serviço de assistencia publica está muito bem organizado na republica, a cuja pobresa o estado provê com soccorros não só em dinheiro mas tambem em generos.

Ha institutos de beneficencia, que distribuem esmolas por casa dos cidadãos invalidos, e que soccorrem os operarios indigentes cujo salario é insufficiente para a sua alimentação.

Ha tambem um vasto hospital construido em 1865.

Dois medicos e um cirurgião, subsidiados pelo estado, fazem visitas domiciliarias a todos os habitantes.

Com razão observa Raymond de Boyer:

«Impressiona ver o estado, esta *pessoa moral* (como lhe chamam os philosophos), ordinariamente tão egoista nos outros paises do globo, intervir na republica de S. Marino em nome da mais santa das virtudes, a caridade, como auxilio dos que soffrem.»

Os sentimentos humanitarios que inspiram o espirito publico do povo de S. Marino affirmam-se ainda pelo culto sacratissimo que sempre tem professado pelo direito de asylo.

George Sand, comparando Andorra e S. Marino, escreve com inteira justiça: «A historia de Andorra é patriarchal, e a de S. Marino heroica: Andorra é uma pacifica municipalidade solidamente constituida; S. Marino uma fortaleza e uma especie de

egreja. Por minha parte não hesito em dar toda a preferencia a S. Marino, só pelo facto de que, em todas as epochas de perigo e lucta, o seu rochedo tem servido de asylo aos proscriptos e aos perseguidos.»

Ora nós já vimos, em abono da opinião de George Sand, que a republica de S. Marino levava o seu culto pelo direito de asylo até ao ponto de dar hospitalidade a um dos seus mais encarnicados inimigos, o bispo Benvenuto.

Mas poderiamos citar ainda muitos outros exemplos.

Quando Frederico, conde de Urbino, foi assassinado pelo povo, Speranza, seu parente, querendo escapar á sorte que parecia esperar toda a sua familia, refugiou-se em S. Marino, onde encontrou seguro e amigo asylo.

Tendo o conde Alberico de Barbiano pedido a S. Marino que lhe entregasse um criminoso ali refugiado, a pequena republica, sempre em nome do direito de asylo, energicamente recusou entregar-lh'o.

Finalmente, recordando um facto já por nós citado, foi em S. Marino que Garibaldi, vencido e proscripto, se refugiou em 1849, protegendo-o a republica contra as reclamações dos austriacos.

Todavia o direito de asylo já não pode ser hoje o mesmo que era na idade-media, quando servia para temperar a rudeza dos costumes, e deter as violencias sanguinarias que historicamente caracterizam aquella epocha.

Hoje o poder judicial está organizado, por via de regra, na Europa, sobre seguras bases de independencia e imparcialidade. Já não ha a temer as cruentas vinganças do periodo medieval, porque é a justiça que, serenamente, aprecia os delictos e condemna os delinquentes. Portanto, para que o direito de asylo se não convertesse n'um grave abuso muito prejudicial aos interesses moraes da sociedade europea, S. Marino, que pela sua posição no centro da Romana podia tornar-se um velhacouto de malfetores impunes, regulou com a monarchia italiana um tratado de extradicação, em 22 de março de 1862, que abrange os crimes de direito commum, excluindo os politicos.

A republica de S. Marino é, para as relações diplomaticas, representada em França por um encarregado de negocios, tendo além d'isso consules nas principaes cidades de França e Italia.

(Continua).

ALBERTO PIMENTEL.

LYRIO

Como um lyrio que, risonho,
Brotasse—estranha coragem!
Entre salgueiros, na margem
De um velho lago tristonho;

Assim, ás vezes, supponho
Não sei que esplendida imagem
Sorrir-me, estranha miragem!
Na tella escura de um sonho.

Depois a visão desfaz-se,
É á luz da aurora que nasce
Abre a corolla um martyrio...

Vão-se as chimeras que affago,
Como boiando n'um lago
As folhas mortas de um lyrio.

JOAQUIM LIMA.

ESTUDOS LITTERARIOS

PINTORES

Rosa Bonheur

Rosa Bonheur é o maior nome feminino da França, depois de George Sand.

A grande pintora animalista pertence ao limitado grupo das *escolhidas que fazem o paraíso*, na phrase, tantas vezes reeditada, do poeta das *Flores do mal*.

Para Rosa Bonheur, como para George Sand, a posteridade começou ha muito; a immortalidade coroou-as em vida com esse diadema de estrellas, cujo brilho offusca todos os diamantes da terra.

Divagando, pensativa, ao longo das avenidas tapetadas de flores, onde as grandes arvores seculares fazem as grandes sombras mysteriosas; enlevada na contemplação da natureza campestre, no seu placido ermo de By, cerca de Fontainebleau, Ro-



DR. FERREIRA DE ARAUJO



JOÃO JOSÉ DOS REIS JUNIOR

sa Bonheur esquece o mundo, as suas lutas, as suas devastadoras paixões, as suas ambições desregradas, como George Sand os esquecia também, assentada ao lado das suas netas, à sombra das boas arvores de Nohante.

George Sand, porém, só renunciou ao mundo, às suas tumultuosas e ephemerias alegrias, compradas à custa de tantos amargos desencantos, depois de ter esgotado até à ultima gotta a taça do amor: em seguida, como os legendarios reis de Thule, a grande Lelia atirou a taça às ondas e adormeceu para sempre, em uma doce e ineffavel tranquillidade patriarchal, que reflecte nos seus ultimos livros e que lhes communica um novo e estranho encanto.

Rosa Bonheur, ao contrario, fez da Arte o seu unico amor na terra, a origem de todos os seus jubilos, a divina consoladora de todas as suas angustias. Como se vê, existe uma profunda antithese entre estas duas mulheres, em cujas veias corre o mesmo sangue francez, em cujas fronte irradiam a mesma luz genial e que se encontraram um dia no mesmo apogeu da gloria, onde não conseguem subir senão as *escolhitas* que passam pela terra batendo as azas a caminho do infinito!...

A obra de George Sand e de Rosa Bonheur, embora diversa na sua manifestação, no seu ideal e na sua orientação, subsistirá como uma das mais assignaladas conquistas da arte franceza no seculo XIX.

Mais feliz do que outros artistas, ignorados pelos seus contemporaneos, Rosa Bonheur alcançou todos os triumphos que um pintor pôde sonhar, desde o exito do grande publico dominado, até à legião de honra.

Aos 25 annos, a sua reputação era immensa. A' similhaça de Detaille, alguns annos bastaram para desenvolver os seus finos dotes de desenhador e colorista.

Foi nos matadouros de Paris e no mercado de Poissy que Rosa Bonheur adquiriu a sua profunda sciencia de animalista. Durante cinco annos, sem faltar um só dia, sempre à mesma hora, Rosa Bonheur ia assentar-se nas arribanas, ao ar livre, e ahi, a despeito do continuo movimento dos boieiros e magarefes, a artista trabalhava com a aspera vontade de triumphar e a intima esperança no futuro, que são a pedra de toque dos victoriosos.

Orientada pela intuição do genio, Rosa Bonheur marcou logo as tendencias revolucionarias da sua maneira, interpretando a natureza sob um ponto de vista individual, e produzindo fóra dos restrictos moldes consagrados pelas academias e sem cessar imitados pela maioria dos artistas.

*

Rosa Bonheur é filha de Raimundo Bonheur, illustre pintor animalista.

Aos oito annos, durante as horas de recreio, a pequena Rosa entrava no atelier de seu pai; silenciosa e pensativa, demorava-se, vendo-o pintar; depois, desapparecia de repente, fechava-se no seu quarto, pegava em um papel e um lapis, e reproduzia com pasmosa exactidão o quadro que contemplara. Aos doze annos, Rosa compunha sem difficuldade; sob o ponto de vista da forma, os seus desenhos possuíam um incontestavel valor artistico. N'essa epocha, a futura pintora perdeu sua mãe; os seus cinco irmãos mais novos acharam em Rosa uma segunda mãe, carinhosa e dedicada,—o anjo da guarda do lar,—não os desamparando um só instante, armando-os para as rudes batalhas da vida e occorrendo, com o producto do seu trabalho, à educação das cinco creanças.

Na idade em que é tão natural o desejo de agradar, Rosa privava-se de tudo para supprir os seus protegidos, para fazer face aos onerosos encargos que pesavam sobre os seus frageis hombros de menina.

Mas o seu talento desenvolvia-se, o futuro illuminava-se.

No Salon de 1849, Rosa expoz o *Labourage nivernois*, que figura actualmente na galeria do Luxemburgo.

O exito foi enorme; depois de Cuyt e Paulo Potter, os dois mestres, era a primeira vez que a pintura triumphava por uma forma tão original e tão imprevisita. A juvenil artista possuía a firmeza de traço do primeiro, alliada ao poderoso colorido do segundo, sem todavia imitar nenhum dos processos.

A originalidade da grande pintora impoz-se, de maneira a não deixar subsistir a menor duvida; evidentemente, surgira na arte contemporanea um mestre, revolucionario, independente e innovador, como todos os mestres.

A scena banal, representada na tela, tomou sob o vibrante pincel de Rosa Bonheur um aspecto grandioso: não se descreve a intensa vida que palpita n'esses grandes bois brancos e russos, nitidamente desenhados, de um colorido vigoroso e largo, n'essas leivas sulcadas pela charrua, batidas dos raios de sol matinal, exhalando a robusta seiva aldeã!... Que poesia, que pacificação dulcissima, que profundo repouso n'esse pedaço de tela onde a paizagem nos sorri, por todas as suas idyllicas bellezas!...

A gloria chegou, logo no primeiro dia em que Rosa Bonheur expoz; em torno dos seus quadros, sollicitados pelo Salon, agglomeravam-se os artistas, os amadores, o publico; discutia-se, admirava-se, e cada novo trabalho era uma nova conquista sobre as resistencias da forma, sobre a execução que se aperfeiçoava pro-

gressivamente. A artista, porém, não acceitou, como um resultado definitivo, o que apenas se lhe afigurou um advento auspicioso. A' hora a que a proclamaram Mestre, na arte a que se abandonou sem restricções, com a exaltada fé dos crentes, ella julgava-se ainda muito aquém do ideal que a attraia e enamorava. Os seus quadros succediam-se sem interrupção; a artista batia-se desesperadamente com o anjo que guarda a escada do paraíso; o estudo absorvia-a sem cessar, o trabalho devorava-a; a tinta cantava, ao contacto das suas mãos nervosas, toda a grande e deslumbradora symphonia da côr; Rosa Bonheur entrava afinal no radioso eden, onde a gloria envolveu para sempre o seu nome predestinado!

*

A célebre pintora habita o *chateau* de By, em Thomery, perto de Fontainebleau. Uma avenida de castanheiros e faias conduz à porta do palacio, fechado por um espaçoso parque. Dos dois lados do parque, occulto por muros de grande altura, que o defendem contra os olhares dos curiosos, elevam-se muitas choças, onde ha um sem numero de animaes: cabritos, carneiros, veados, gamos, javalis, cães de caça, etc., etc. Os animaes estão sob a vigilancia de Etienne, cocheiro de Rosa Bonheur.

Mas a insigne artista occupa-se pessoalmente dos seus animaes, visita-os todas as manhãs e testemunha-lhes a sua afeição, acariciando-os e dando-lhes de comer.

Depois d'esse passeio matinal, Rosa Bonheur regressa a casa e almoça. A's dez horas começa a trabalhar; se o animal que tem de *poser* é um cabrito montez ou um carneiro, atam-o a uma pequena estaca; em geral, o animal conserva-se immovel; se é um veado ou um javali, mettem-o em um estreito corredor, guardado por duas sebes, onde a artista pôde pintal-o, sem maior difficuldade.

Rosa Bonheur tem por tal forma distribuido o seu tempo, que não dispõe de um minuto para os indifferentes ou para os lisongeiros. A sua unica companhia é a sua intima amiga, mademoiselle Micas, pintora de grande talento, cujos quadros, em numero muito restricto, são apreciadissimos pelos amadores. Ha trinta annos que as duas artistas vivem juntas, na completa affinidade de coração e espirito, estranha aos despeitos e alternativas, tão vulgares nas amizades femininas, especialmente quando ellas approximam duas mulheres de talento.

As portas do palacio de By, que se abrem para alguns amigos de infancia, fecham-se obstinadamente à invasão dos importunos.

Rosa Bonheur é de estatura media; a linha graciosa e esbelta do seu corpo, ondula; pôde dizer-se da célebre artista o que um poeta disse das aves: «que mesmo quando andam percebe-se que teem azas.» A phisionomia de Rosa Bonheur tem a pallidez macia e doce do marfim antigo; a fronte parece modelada pelo cinzel de um esculptor; nem uma ruga, nem uma sombra perturbam a sua limpida harmonia; os seus grandes olhos castanhos reflectem a serena bondade de uma alma inspirada e exprimem ao mesmo tempo a vaga melancolia de um espirito que sonha... Quando falla, o olhar da artista illumina-se e scintilla de um estranho brilho revelador. As palavras deslisam graciosamente da sua bocca risonha e fresca, e vibram sonoras e bem timbradas. Tal é Rosa Bonheur.

O fato de homem, isto é a blusa e as calças de panno, que usa habitualmente, não alteram a distincção, a flexibilidade e a elegancia do seu corpo.

Para a eminente pintora, o mundo resume-se na sua encantadora residencia, onde a rodeia tudo quanto a sua alma, o seu coração e o seu espirito preferem e amam. Rosa Bonheur trabalha sempre, estuda attentamente as flores, os arbustos, as velhas arvores, a vida vegetal com todas as suas mysteriosas metamorphoses.

Muitas vezes, a noite surprehende-a, perdida nos labyrinthos de verdura do seu parque; e basta o aspecto d'essa mulher elegante e pallida, scismando absorta diante de uma flor que desabrocha, de uma gota de orvalho que treme, como um pequenino diamante, no seio de uma rosa, contemplando as estrellas e fitando enternecida as grandes arvores copadas, para que a sympathia, o respeito e a admiração nos advirtam de que estamos na presença do genio, que é simples, como tudo quanto é superior.

GUIOMAR TORREZÃO.

A FEIRA DO CAMPO GRANDE

(SCENAS, USOS E COSTUMES)

Ao Dr. José Julio Rodrigues

Passou, como tudo passa n'este mundo, aquella celebrada feira, prazer ultra de nossos avós, mercado annual que ia prover de bons lençoes de linho e cordões de ouro do Porto as arcas chapeadas dos burguezes endinheirados.



LUTHERO

O que hoje resta d'ella é uma sombra vaga, uma imagem palida do que foi em tempo.

Nas nebulosas recordações da infancia, a feira do Campo Grande, tal qual ainda a conheci ha vinte annos, occupa-me um ogar accentuado na archeologia d'essas lembranças longiquas, que o tempo se encarrega de dissolver lentamente na memoria.

N'essa epoca a feira estendia-se dentro do Campo, cujas arvores começavam então a desenvolver-se e a crescer.

Havia asseio e riqueza n'aquelle mercado de tres mezes, cujos feirantes eram uns typos especiaes e unicos, que pareciam reviver periodicamente, n'aquelles mezes do anno, sahidos das arcas de mistura com os bons pannos de linho de Guimarães e os grossos grilhões do mais puro ouro.

As barracas de comidas permittiam-se uns luxos gastronomicos muito differentes dos de hoje.

Consumia-se vinho ás pipas, e os mais circumspectos chefes de familia, de calça de linho riscada, chapéu de palha, lenço entre o pescoço e o collarinho, quinzena de alpaca e collete branco, riscado em todo o abdomen por uma valente cadeia de fuzis rezulentes com berloques antigos, não resistiam ao delirio de, em companhia da esposa redonda e quarentona, e das filhas roliças e saudaveis, ignorantes da arte do espartilho, irem á feira, jantar sobre a relva, uns nacos gigantescos de carne assada com batatas, queijo flamengo, gallinhas coradas, fiambre e linguados fritos.

Escolhiam um sitio arborizado no interior da matta, e assentavam-se todos no chão, soltando um *ah!* satisfeito e despreoccupado, de quem guardava peças de 8\$000 réis n'um pé de meia macrobio.

O chefe collocava ao lado o bengalão de canna da India com moca de ferro, limpava a careca lusidia e rosada, tirava a quinzena, e procedia methodicamente á abertura da mala, e do lenço encarnado onde vinha o petisco.

Um garoto trazia o vinho em cangirão de barro vidrado, e lançava olhares assassinos para o dourado gordurento das gallinhas assadas.

As raparigas punham na relva os seus chapéus de palha modestamente enfeitados, a mãe elevava os seios uberrimos n'um prolongado suspiro, e atiravam-se todos ao jantar com uma furia de canibaes.

Ao longe zumbiam as notas falsas d'um clarinete bebado, e a campainha do pelotiqueiro tocava furiosamente a rebate.

Uma hora depois o jantar tinha desaparecido, e todas aquellas faces apresentavam um bello colorido rosa, que hoje se não encontra com facilidade.

Aquellas mulheres deram mais tarde ao mundo rapazes fortes e vigorosos, que fôram o orgulho dos paes e a suprema ventura dos avós.

Depois de jantar principiavam então a percorrer a feira, a passo, vagarosamente, observando todas as barracas, sorrindo para todos os feirantes, que os conheciam dos annos anteriores.

O pae affagava os bolsos, e de quando em quando absorvia dez grammas de meio grosso, da sua enorme caixa de prata lavrada.

Um ourives amigo sahia do balcão e vinha respeitosa e comprimentar toda a familia, disparando ás meninas umas graças insossas, atravez das quaes se descobria um convite ás compras.

O chefe aceitava cadeiras, balcão a dentro, e espanjava em grandes desdobramentos de lenço vermelho de seda da China, aquella importancia que o logista lhe conferia.

Meia hora de conversa, e chegava-se ao momento psychologico em que, metros de cordão de ouro e avalanches de broches e pulseiras, brincos e anneis, eram collocados diante do bom burguez.

A escolha era demorada. Experimentava-se a solidez e peso de cada objecto. Por fim, a mãe comprava duas bellas pulseiras para as filhas, uma abotoadura para o marido, paga por ella do seu bolsinho particular com uma grande satisfação amorosa, e para si reservava um afogador de cobra, ouro macisso, do mais fino quilate; gastavam ao todo 16 moedas, em bom metal sonante, escorridas uma a uma por entre o pollegar e o indicador do chefe da familia.

Sahidos d'ali entre as venias e respeitos do ourives, iam ver as barracas dos palhaços.

Antes de se decidirem a entrar n'uma, celebravam conferencia. Era preciso escolher um divertimento honesto e que os alegrasse.

Havia barracas com figuras de cera, cycloramas, animaes raros, creanças com duas cabeças, galos com tres pernas, mulheres com 20 arrobas de peso, gymnastas, equilibristas, prestidigitadores, emfim, um nunca acabar de tentações, qual d'ella a mais curiosa.

O bom velhote queria ver a gigante com vinte arrobas de peso. Entrava na barraca seguido da familia, e com uma delicadeza respeitosa levava a mão á aba do chapéu, emquanto os seus olhos azues, pequeninos e lacrimosos, corriam como lagartixas pelos attractivos da gigante, uma mulher muito alta e robusta, que não hesitava em provar ao publico que as suas pernas colossaes eram verdadeiras e muito d'ella.

A companheira do nosso velhote, vendo que elle não tirava os

olhos das botas escaletes com borlas azues do gentil phenomeno, e concordando intimamente na superioridade feminina do mesmo, puchava por um braço do esposo e dizia-lhe em segredo:

—Vamos embora. Olha as pequenas.

O velhote sahia da barraca, não sem deitar um olhar de inveja a um rapaz janota, que começava a verificar, pelo tacto, a verdade dos tecidos da gigante.

Iam d'ali comprar uma peça de panno de linho para lençoes e algumas varas de rendas de Aveiro para toalhas.

A este tempo a noite começava a estender sobre o campo o seu veu de trevas, e os feirantes accendiam os lampiões de petroleo e vellas de cebo, que fumegavam negro soprados pela aragem.

Sombras mysteriosas desapareciam no interior do bosque, exercitos de saloios de varapau em punho e cobrejão aos hombros, pasmavam de bocca aberta diante das barracas-theatros onde uma duzia de mulheres pintadas exhibiam escandalosamente as curtas saias de gaza de cores palidas, e as pantalonas brancas desenhando a perna até ao infinito. Um palhaço serapintado de zarcão e pós de sapatos, tísico de larynge e rouco de bebedeiras, atirava ao publico chufas ordinarias, e apregoava o esplendor do espectáculo. Um cornetim rachado, um clarinete selvagem e um bombo heroico acompanhavam a voz do titere, insuflando o entusiasmo na alma dos papalvos.

A barraca enchia-se pela decima vez, e D. Ignez de Castro, grávida de sete mezes, e com echymoses no rosto, morria mais uma vez em scena, entre as lagrimas e considerações de varias lavadeiras de Caneças.

No final, seis valverdes de cores vibrantes, e o hymno da Carta terminavam o espectáculo.

As montras dos ourives reluziam, miralobantes, á tremula luz dos lampiões; nas sertãs de ferro estanhado, das casas de comida, estorciam-se grandes pescadinhas e linguados appetitosos, e gallegos herculeos preparavam saladas e plendidas com os mesmos dedos com que embrulhavam o cigarro e preparavam os molhos.

As peras cosidas, as avelãs, as nozes e as amendoas passavam rapidas das respectivas saccas para as algibeiras dos passeantes; e devorando litros de tremoços e amendobi, perpassavam ranchos de soldados do 5 de caçadores e do 10 de infantaria, de mãos dadas, sorrindo para as creadas das barracas, e combinando bachanaes pelintras a rasão de oito vintens por cabeça.

Um realejo doente chorava melancholico o coro dos soldados do *Trovador*, emquanto um misero macaco despellido roia uma pera no alto do seu mastro inaccessivel ao rapasio. Subito, um prurido de curiosidade e de medo percorria a multidão, e todos corriam para um local onde as bayonetas das patrulhas reluziam frouxamente. Tinha sido morto um homem com cinco facadas, junto do grande pinheiro. O cadaver, pingando sangue, era conduzido n'uma escada onde os palhaços se equilibravam; e o realejo continuava tocando, as dançarinas marchavam como sylphides diante das retinas irritadas dos saloios, a companhia, convidando o publico a entrar, agitava-se furiosamente; os linguados chiavam no azeite a ferver, e as pessoas sérias principiavam a retirar para os carrões gigantescos, onde os ossos se desconjuntavam durante o trajecto.

A meia noite fechavam as barracas, as dançarinas trocavam as gazas e as perolas falsas pela saia de chita e lenço na cabeça, e iam ceiar com os amantes tão miseros e pobres como ellas, e D. Ignez de Castro applicava duas pastas de unguento á echymose do rosto, affirmando ao mundo indignado que já não podia representar.

Os nossos heroes mettiam-se então n'um coupé e vinham para Lisboa, elle ressonando como um abbade, ella dormindo tranquillamente, e as filhas furiosas por ter passado a hora em que os namorados atavam a expressão mais doce das suas almas apaixonadas á linha redemptora lançada d'um quarto andar da rua da Magdalena.

ALFREDO GALLIS.

A FELICIDADE

Onde existe e em que consiste a verdadeira felicidade?

Nenhum dos nossos leitores, com certeza, se atreverá a responder a esta pergunta.

E comtudo, é ella—a esquivada e tentadora felicidade—o nosso ideal constante, a nossa aspiração suprema, o nosso sonho exclusivo de todas as horas e de todos os momentos! E' por ella que luctamos e soffremos, que architectamos chimericas illusões e sacrificamos não poucas vezes os nossos affectos e as nossas crenças; é por ella, emfim, que resumimos toda a nossa energia vital em esperanças e ambições que, embora nunca cheguem a ser uma realidade, são comtudo a seiva reconfortante que nos alenta e avigora nos rudes combates da existencia.

Quem haverá no mundo que não aspire a ser feliz?

Desde o fura-vidas vulgar, que se entrega exclusivamente a pescar nas aguas turvas da especulação e da intrujice, até aos grandes heroes ambiciosos que buscam, pelo arrojo das suas tentativas, elevar-se e engrandecer-se constantemente, desde o operario laborioso, que se embrutece na faina violenta e rude de todos os dias, até ao sabio que, no remanso tranquillo do gabinete, estuda e medita devorado pela ardente soffreguidão do saber, todos, sem excepção,—comparsas mais ou menos prestimosos da grande comedia social que se desenrola aos nossos olhos—fingindo ter por alvo a felicidade commum, só aspiram á felicidade pessoal, que cada um procura em harmonia com as necessidades do seu temperamento e da sua educação.

Ser feliz tem sido a ambição exclusiva da humanidade na sua marcha atravez dos seculos. E comtudo, ainda ninguem houve que conseguisse atinar com a vereda que conduz ao Olympo da *ignota dea!* Andamos todos em cata d'ella, mas como o ebrio que, na vertigem do alcoolismo, não consegue atinar com a casa em que habita, embora ao seu espirito perturbado lembre vagamente que essa casa realmente existe.

Philosophias e religiões teem porfiado em ensinar-nos os meios de alcançal-a, receitando-nos cada uma, como verdadeiramente infallivel, o seu *prompto allivio* especial para os males e amarguras da nossa dolorida existencia. Esses elixires, porém, quer preparados segundo os formularios do epicurismo, do platonismo ou do estoicismo, teem falhado sempre tão desastradamente, como falhavam as experiencias dos alchimistas que na idade media gastavam o seu tempo em procura da celebre pedra philosophal.

E' que na fugaz vertigem da nossa vida, composta de alternativas de dor e de alegria, de abatimento e de grandeza, de esperança e de desalento, a felicidade absoluta e completa não existe, da mesma fórma que não existe um céu sem nuvens, por mais puro e limpido que elle se nos affigure.

Hoje, que tudo vae arrastado na onda do realismo puro, gerada no golphão das modernas transformações sociaes, ha, em geral, manifesta tendencia para crer que a felicidade só existe na voluptuosidade material, nos gosos da opulencia e da grandeza. Aos olhos dos modernos sybaritas, esse ideal de felicidade que se occulta nas sombras de uma vida tranquilla e modesta, longe das agitações e das luctas mundanas, não passa de um mytho sonhado por phantasias de poetas nos aureos tempos dos cavalleiros *sans peur et sans reproche*.

Os Cincinnatos que se não deixam contaminar pela ambição dos patricios, e trocam as honras e as eminencias do poder pelas honradas canceiras da lavoura, desappareceram inteiramente da circulação. O que hoje vemos são repetidos exemplos do contrario.

Todavia, o que está provado é que a felicidade relativa que nos é dado gosar n'este valle de lagrimas, longe de ser o resultado de qualquer influencia estranha a nós mesmos, só depende do perfeito accordo do nosso character com o estado e as circumstancias em que nos achamos collocados.

Ha um conto oriental, uma parabola interessantissima, que, demonstra a verdade d'esta asserção melhor do que se poderia conseguir por meio de longas dissertações philosophicas.

O conto é este:

N'um paiz da Asia havia um poderoso soberano que passava uma vida tão triste e acabrunhada como a do ocioso e indolente Luiz XIII. Possuia thesouros inexgotaveis; ao seu mando estavam submettidos extensos e fertes territorios; obedeciam-lhe numerosos vassallos e nos seus harens reunira as mais bellas e sedutoras odaliscas; mas apesar de tudo isto, que bastaria para dar a felicidade a muitos desgraçados, o opulento monarcha julgava-se infelicissimo, e vivia profundamente desgostoso.

N'estas circumstancias, ordenou que viessem á sua presença todos os magos, todos os aurspices, todos os astrologos mais bem conceituados, e a cada um interrogou em especial acerca do que lhe convinha praticar para ser feliz. Fôram diversas as opiniões, diversos os alvitres propostos por tão miraculoso areopago de sabios; mas como nenhum desse o resultado que desejava, o tal rei não esteve com ceremonias, e mandou cortar a cabeça a todos os seus desastrados conselheiros.

Houve, porém, um mago, que não fôra consultado, talvez porque os seus credits não estivessem ainda bem firmados, e não merecesse por isso a regia confiança. Sabedor do que succedera, este mago, sem duvida mais corajoso e mais esperto do que os seus infelizes collegas, resolveu tirar do caso todo o partido possivel e aproveitar o ensejo que se lhe offerecia para revelar a sua competencia em assumptos d'aquella ordem.

N'este intuito apresentou-se um dia ao rei e disse-lhe:— «Senhor, o unico meio que existe para V. M. ser feliz, é trazer constantemente sobre o corpo a camisa de um homem que o seja completamente.»

Ouvindo este sabio conselho, o desditoso soberano readquiriu a perdida esperança, e ordenou que em todas as direcções partissem logo emissarios especiaes, incumbidos de procurarem o precioso talisman que devia tornal-o venturoso. Debalde, porém, percorreram elles todas as provincias, bateram a todas as portas, procuraram entre todas as classes sociaes. Em parte alguma se lhes deparou o feliz mortal que era objecto das suas pesquisas.

Desanimados e tristes por semelhante contrariedade, regres-

savam já á capital, pensando na triste sorte que os aguardava quando a meio de um bosque encontraram um pobre rachador de lenha, que seguia seu caminho cantando alegremente.

—Porque cantas tu d'esse modo? perguntaram-lhe elles, surprehendidos com aquelle indicio de uma alegria que tanto contrastava com o acabrunhamento em que iam.

—Ora essa!—respondeu o lenhador—canto porque vivo feliz e contente.

—Como? Pois tu és completamente feliz? Nenhuma tristeza te mortifica, nenhuma dôr te punge, nenhum cuidado te preocupa?

—Nada, absolutamente, existe para mim, que altere ou perturbe a tranquillidade da minha existencia.

—Pois tu nunca maldisseste a sorte, nunca acusaste o destino?

—Nunca tive rasões para isso.

Ouvindo esta resposta, os regios emissarios precipitaram-se sem detença sobre o lenhador, preparando-se para lhe arrancarem do corpo a camisa,—acção esta que, mesmo nos paizes mais civilizados, não é raro ver praticar aos emissarios da magestade. A estes, porém, estava reservada a mais amarga decepção. Quando julgavam ter realisado o seu fim, reconheceram como suprema irrisão da sorte, que o unico homem feliz que existia em tão vastos estados, aquelle que devia prestar ao seu soberano um tão valioso serviço, era precisamente... o que não tinha camisa!

A moralidade d'esta parabola é que a felicidade não é apagnio exclusivo dos opulentos e poderosos. E na verdade, tanto se pode ella abrigar no palacio do rico como na chupana do pobre, comtanto que um e outro se contentem com a somma de felicidade que possuem e não invejem a dos outros.

A maioria dos homens, porém, não se conforma com este salutar preceito philosophico, e é por esse motivo que no mundo ha tanta gente que se reputa infeliz. Mesmo entre os raros que conseguem attingir os seus ambiciosos projectos, não existe um unico que encontre na realidade dos seus sonhos de gloria, de riqueza ou de poderio, a satisfação plena do desejos preconcebidos. Quasi sempre de cada um d'estes se poderia dizer, como o poeta:

El monté sur le faite il aspire á descendre.

Ha em nós todos como que um fogo de ambição que alimenta uma aspiração constante para um ideal de felicidade irrealizavel. E por isso vamos indo n'este revoltar descompassado e louco, n'este *struggle for life* em que nos debatemos com entranhada furia, sempre atraz d'ella—a esquiua e tentadora felicidade—e afinal vémol-a sempre fugindo diante de nós, como a ilha de Ithaca fugia diante dos companheiros de Ulysses, ou—para me servir de uma imagem menos guindada—como a borboleta foge diante da creança que a persegue, seduzida pelas cambiantes iriadas do inoffensivo lepidóptero.

MAGALHÃES FONSECA.

AS NOSSAS GRAVURAS

HOSPITAL REAL DAS CALDAS DA RAINHA

A rainha D. Leonor, esposa de el-rei D. João II, passando de Obidos para a Batalha em 1487, viu alguns homens, enfermos no aspecto, a banharem-se n'umas poças de agua em um sitio proximo do caminho; parou, e perguntou-lhes porque o faziam. Sabendo por elles que aquella agua curava certas enfermidades, como padecia de um peito, fez a experiencia; e, tendo sido facilmente curada, resolveu mandar construir ali um hospital.

A obra começou em 1488 e foi concluida, ao que parece, em 1490.

O hospital então constava de seis enfermarias: uma para clerigos, outra para padres, duas para homens e duas para mulheres pobres.

A caridosa rainha encarregou n'esta construcção todas as suas joias, que vendeu a seu irmão D. Manuel, depois rei de Portugal.

Para que o hospital fosse mais bem servido e não lhe escasseassem as provisões, além das rendas que lhe doou, D. Leonor obteve do rei que se fundasse ali uma povoação para trinta moradores, com o privilegio de não pagarem jugada, oitavo, siza ou portagem, e que se denominou das Caldas da Rainha.

Os credits que os banhos fôram tendo em todo o reino, e juntamente as commodidades que ali se offereciam aos enfermos, chamaram á villa uma grande concorrência.

El-rei D. João V, no meiado do seculo passado, começou a fazer uso d'aquelles banhos; ali foi, com a familia real e uma grande parte da côrte, treze annos successivos, e mandou reconstruir o antigo hospital, que estava bastante arruinado e já com poucos commodos para o grande numero de enfermos que ali affluíam.



CHEVREUL

A reconstrucção começou em 1747 e terminou tres annos depois.

O novo edificio, entregue á direcção do brigadeiro Manuel da Maia, architecto e constructor do aqueducto das Aguas Livres de Lisboa, foi construido sob um plano de architectura regular, com boa apparencia e muito maior capacidade do que o antigo. Fizeram-se n'elle uma bonita capella, novos banhos, excellentes officinas, aposentos para pessoas reaes e residencia para o administrador.

Ultimamente tem-se realisado muitos melhoramentos no hospital real das Caldas da Rainha.

O edificio de que a nossa estampa representa a fachada, tem seis enfermarias para homens e duas para mulheres. Defronte d'elle ha um bonito passeio publico.

O hospital abre todos os annos, no meiado de maio, e fecha no fim de setembro.

JOÃO JOSÉ DOS REIS JUNIOR E FERREIRA DE ARAUJO

Directores do «Paiz» e da «Gazeta de Noticias» do Rio de Janeiro

No Brazil, onde não fôra ainda importada a costumeira dos duellos, acaba de realisar-se—felizmente sem consequencias fataes—um encontro á pistola, entre os srs. commendador João José dos Reis Junior, director do *Paiz* e o dr. Ferreira de Araujo, director da *Gazeta de Noticias*.

Uma pugna jornalística violenta foi a causa d'este prelio, que as folhas do Rio de Janeiro noticiaram para toda a Europa, elogiando a valentia e os brios dos dois contendores, cujos perfis tentaremos esboçar em breves traços.

*

O commendador João José dos Reis Junior, chefe da importante casa commercial de João José dos Reis & C.^a, do Rio de Janeiro, é filho do conde de S. Salvador de Mathosinhos, um commerciante benemerito e illustre, e nasceu na capital do imperio brasileiro a 27 de julho de 1847.

Destinando-se á vida commercial, na qual devia continuar as honrosas tradições de seu pae, fez os seus primeiros estudos no Rio de Janeiro, no collegio D. Pedro II. Veiu em seguida para Portugal, onde continuou a estudar com grande aproveitamento, e d'aqui partiu para Londres, para concluir a sua educação no excellento collegio de Saint-Mary-School.

Em outubro de 1863 seguiu de Inglaterra para o Rio de Janeiro, para fazer o seu tirocinio commercial na importante casa de seu pae. Ali esteve até 1865, em que partiu novamente, para uma viagem de instrucção ás mais notaveis capitães da Europa, demorando-se no Porto, onde esteve praticando n'uma respeitavel casa commercial. Voltou ao Rio de Janeiro em 1867, e poucos mezes depois do seu regresso ali, entrava como socio para a casa commercial de João José dos Reis & C.^a, que soube elevar a uma grande prosperidade e da qual é actualmente o chefe, como já dissemos.

O nome do commendador Reis Junior está hoje vinculado a uma empreza grandiosa, e cuja concepção basta para assignalar de um modo brilhante e intelligente iniciativa d'este prestimoso cavalheiro. Referimo-nos á organisação de uma companhia transatlantica de navegação a vapor, destinada a percorrer os mares da Europa com bandeira brasileira.

A idéa d'esta empreza foi recebida em todo o imperio com um grande e caloroso enthusiasmo.

O commendador Reis Junior possui no Rio de Janeiro as sympathias, tanto da numerosa colonia portugueza, como do commercio em geral.

*

O dr. Ferreira de Araujo—o outro duellista brasileiro—não conta ainda quarenta annos, e affirmou desde ha muito a sua individualidade no jornalismo fluminense, podendo o seu nome ser contado entre os dos primeiros jornalistas da America e da Europa.

Com elle, a polemica é difficil, senão perigosa, tanto mais que, os argumentos com que vence, tem sempre a seu serviço uma ironia que magôa, disfarçada pelo sorriso inextinguivel de uma *verve* exuberante.

Como medico, dizem-nos ser Ferreira de Araujo não menos distincto e illustre do que como jornalista, e ter prestado serviços clinicos importantissimos na capital do Imperio, antes de se votar completamente á direcção da *Gazeta de Noticias*.

LUTHERO

Martinho Lutero, um dos mais celebres chefes do protestantismo, teve o seu berço em Eisleben (Saxe) onde nasceu a 10 de novembro de 1483, sendo filho de um pobre cortador de lenha, que, mais tarde, chegou a possuir minas em Mansfeld.

Ainda muito creança, mas revelando já grandes talentos, cursou Lutero a universidade de Erfurt, estudando tambem em Eisenach e Magdeburgo, com aproveitamento notavel. Depois de uma doença gravissima, que o prostrou em funda melancholia, resolveu fazer-se frade e entrou no convento dos eremitas de Santo Agostinho, em Wittemberg, onde tomou ordens sacras.

Protegido pelo vigario geral da ordem, João Staupitz, obteve a cadeira de philosophia da nova universidade de Wittemberg, dedicando-se especialmente a ensinar theologia, a explicar a Biblia e a prégar. Em 1510 foi encarregado de uma missão a Roma junto do Summo Pontifice; mas voltando d'ali com o espirito perturbado pelos costumes pouco severos da Italia e do paganismo da Renascença, resolveu entrar em lucta aberta contra Roma. A esse tempo, já a fama dos seus talentos se havia espalhado na Allemanha.

A prégação das indulgencias, decretada por Leão X, deu ensejo a Lutero para começar a desempenhar o seu papel. Indignado contra os abusos a que dava origem a distribuição da bulla de indulgencias, dirigida pelo dominicano Tetzel, affixou em 31 de outubro de 1517, contra aquella, á porta da igreja do castello de Wittemberg, um programma com grande numero de proposições. Tetzel respondeu-lhe violentamente, dando essa resposta logar a uma larga discussão theologica, conhecida pelo nome de *Argumentação de Leipzig*, que acirrou ainda mais o ardor de Lutero na campanha travada contra os seus antagonistas Tetzel, Eck, Emser, d'Alveld e outros. O frade saxão, por fim, deixou de respeitar o papado, e alcançou numerosas adhesões, atacando as riquezas do clero e excitando contra ellas a cupidez da nobreza allemã. Este modo de proceder, violento e energico, fez com que o Papa o excommungasse, solemnemente, em 1520.

Depois de fulminado pela excommunhão papal, Lutero, com uma audacia e coragem espantosas, lançou a bulla ás chammas, na praça publica de Wittemberg, de envolta com os decretos pontificios e com os livros de direito canonico.

A nossa gravura representa-o n'essa situação, sobranceiro e altivo, quasi feroz, cercado pelo povo, arremessando a bulla papal á fogueira crepitante.

CHEVREUL

A França acaba de celebrar, com festas ruidosas, o centesimo anniversario natalicio d'este chimico illustre, d'este grande sabio, cuja longa vida tem sido toda consagrada ao estudo e ao trabalho.

Miguel Eugenio Chevreul nasceu a 31 d'agosto de 1786 em Angers, onde seu pae exercia a profissão de medico. Desde tenros annos, revelou logo uma decidida vocação para as sciencias. Depois de ter completado os seus estudos na escola central d'Angers, foi em 1803 para Paris, e entrou ali, como manipulador, na fabrica de productos chimicos de Vauquelin que um anno depois, reconhecendo as brilhantes qualidades do seu discipulo, o nomeou preparador do curso de chimica applicada, que professava no Museu de historia natural. Quatro annos mais tarde recebia o titulo de official da Universidade e era encarregado de reger a cadeira de chimica no lyceu Carlos Magno.

Em 1826 foi eleito membro da Academia das Sciencias e em 1830 succedeu a Vauquelin na cadeira de chimica applicada, do Museu, sendo nomeado por essa epoca socio correspondente d'um grande numero de academias da Europa.

De 1836 a 1862 foi eleito sete vezes director do Museu de historia natural, e em 1879, tendo já 93 annos, recebeu o titulo de director honorario d'aquelle estabelecimento.

A sciencia deve a Chevreul um subido numero de descobertas uteis, que o Estado recompensou, conferindo-lhe successivamente todas as distincções honorificas de que podia dispor.

Bastará citar aqui os trabalhos notabilissimos do illustre chimico, sobre os corpos gordos, sobre as materias corantes e sobre a arte de harmonisar as côres.

As *Investigações chimicas sobre os corpos gordos de origem animal* fizeram a sua reputação.

Como Pasteur, o sabio Chevreul não pensou nunca em fazer reverter as suas descobertas em proveito proprio: contentava-se apenas com a honra de enriquecer a sociedade.

Reconhecendo os seus grandes meritos, a França acaba de lhe celebrar com festas o centenário.

Sympathicas festas aquellas!

UM GUARDA VIGILANTE

Reparem como elle está ali, perfilado, diante do *bébé*, velando-lhe o somno tranquillo, sem arredar uma pata do seu posto de sentinella.

Quando o pequeno acordar, saltar-lhe-ha para cima do berço, e vel-o-hemos então desentranhar-se em caricias, como o pode fazer a mais affectuosa das mães.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

O instrumento mortifica o transgressor—3—1.
 Na mythologia ha um passaro e uma embarcaçao—1—2.
 A favor ha um espectro para sustento—1—2.
 Estudei o poderoso poeta—1—2.
 No thema não falla este homem—1—2.
 E' appellido e homem da beira-mar—1—2.

Lamego. ALBERTO D'AZEVEDO.

Nota na bahia nm peixe—1—1. FREDERICO J. DOS SANTOS.

No leme corre esta ave—2—2.
 Repousa este rei por ser quadrupede—2—3.

MARIO RACCIOTTI.

EM QUADRO

×	×	×	×	Volatil
×	×	×	×	Templo
×	×	×	×	Authority
×	×	×	×	Atrazo

MATHEUS JUNIOR.

EM VERSO

(Aos meus presados collegas e distinctos charadistas, M. M. & M.)

«Isca di baron non péga»
 Na prima d'esta charada;
 Embora o leitor me diga
 Qu'ella, assim, não vale nada.—1

Mas, contra isso protesta
 A gente nobre e honrada,
 Qu'affirma ser bem verdade,
 Ter valor esta charada.—1

E como tal a apresento
 A' vossa sagacidade;
 Visto que sois de talento,
 Matae-a, sociedade!—1

E' lanugem do Oriente,
 Que apparece em muitos fructos.
 Fallar, é proprio da gente,
 Zurrar, é proprio dos brutos.

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

Logogripho

(Retribuição aos eximios charadistas portuenses, M. M. & M.)

Este descendente do grande Mahomet,—8, 9, 3, 12
 Foi homem illustre de muita nobreza;—16, 12, 15, 4, 5, 10, 14, 2, 1, 5, 13
 Mas quiz o destino que perdesse a fé,—4, 10, 12, 5, 8
 E ficasse doido, p'ra maior tristeza.—3, 7, 15, 10, 5, 16
 E' triste este fim, quer seja rico ou pobre,—9, 6, 14, 5, 8
 Acabar os seus dias, talvez no hospital,—14, 1, 5, 12, 8
 Morrer desgraçado, sendo outr'ora nobre,—2, 15, 11, 6
 Ah!... no mundo não pôde haver maior mal! ..—7, 10, 2, 8, 4

Oh! quanto feliz seria quem podesse
 Cortar tantos males. Fosse velho ou novo,
 Minha approvaçao tinha. Quem o fizesse
 Louvado seria p'la nobreza e povo!

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

Problema

Quantos annos tem actualmente um individuo, cuja idade é
 egual á somma dos algarismos do anno em que nasceu?

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Parabola—Papo—Capão—Cama-
 rão—Girandola—Calaluz—Calamar.
 DA CHARADA DECAPITADA:—Souza.
 DAS CHARADAS ADDICIONADAS:—Vascoço—Lagear.
 DA CHARADA MAPPA:

to	pa
pa	ca

DAS CHARADAS CONIMBRICENSES:

so		ma		to		mo
ga	la	na		que	le	do

A RIR

Colhido n'um exame:
 O lente, dirigindo-se ao examinando:
 —Queira citar-me alguns quadrupedes.
 —O examinando, com volubilidade:
 —Um burro, um cavallo, duas gallinhas...

*

O marido e a mulher eram já calvos, mas ainda gostavam de
 parecer bem. Ouvimos uma vez este dialogo entre os dois. Dizia
 elle:

—Menina, faze-me a risca.
 —Tu bem sabes que é já impossivel.
 —Dizes sempre isso, e a final...
 —Não posso, não posso. Só se queres que t'a faça a lapis!

UM CONSELHO POR SEMANA

Ha um meio muito simples de impedir que se quebrem os vi-
 dros dos candieiros. Consiste elle em praticar, com a ponta d'um
 diamante, uma ligeira fenda na base do tubo.
 Os vidros assim preparados podem expôr-se a temperaturas
 muito elevadas, sem receio de que se quebrem.

Expediente

Muito brevemente começaremos a distribuir o promettido
 brinde d'este anno, bem como as capas e frontespicios do volu-
 me de 1885.

TRAÇOS DA HISTORIA CONTEMPORANEA

A fé dos tratados

V

(CONCLUSÃO)

Mostrámos a Europa do direito divino ratificando no congres-
 so de Vienna o triplice desmembramento de 1772, 1793 e 1795,
 que, pondo de parte os tratados e o direito das gentes, supprimi-
 ra a nação polaca.
 Devemos ver o que succedeu á Polonia, dividida em nume-
 rosos pedaços depois da conquista.
 Os que dividiram entre si os despojos da antiga nação, haviam,
 talvez movidos pelo remorso, inscripto logo no principio do

Acto final d'esse código que devia regular perpetuamente as relações dos estados, o reconhecimento solemne da nacionalidade polaca, dizendo que os polacos, subditos respectivos da Russia, da Austria e da Prussia, obteriam uma representação e instituições nacionaes. A pedido do czar Alexandre I, a cidade de Cracovia, com o seu territorio, foi declarada, tambem para sempre, livre, independente, estrictamente neutral, sob a protecção da Russia, da Austria e da Prussia.

A Russia, que se apoderara da maior parte do espolio polaco, outorgou, em 27 de novembro de 1815, uma constituição ao ducado de Varsovia, elevado á cathogoria de reino da Polonia. Este ducado era uma criação de Napoleão I, o qual, para captar as sympathias e assegurar a adhesão de um povo corajoso, lhe havia feito as mais seductoras promessas. O novo reino occupava apenas uma insignificante porção de terreno. As provincias orientaes até Dnieper e Dwina, que durante seculos, até 1772, faziam parte integrante da republica de Polonia, não foram incorporadas n'aquelle novo estado.

recta ou indirectamente o sentimento nacional. Este estado de cousas prolongou-se durante muitos annos.

Desde 1830 até 1847, as camaras francezas, quando respondiam ao discurso da corôa, erguiam sempre a sua voz em favor da Polonia, procedimento imitado alguns annos pelo parlamento britannico. Em 1856, depois da guerra do Oriente, a França e a Inglaterra quizeram levantar a questão polaca no Congresso de Paris, mas o plenipotenciario russo resistiu e ameaçou, se insistissem, com tratar os polacos como paiz conquistado.

Alexandre II, para impedir uma tentativa commum a favor da Polonia, fez grandes promessas de liberdade de consciencia, amnistia, restabelecimento official da lingua, etc., mas no primeiro ensejo, declarou que a felicidade dos polacos dependia da sua completa fusão com os russos, matando-lhes assim todas as esperanças.

A Polonia não se considerou, ainda assim, morta. Em 1860 os polacos celebraram o anniversario da revolução de 1830, fazendo exequias em honra dos patriotas, e em 1861 fizeram uma festa de igreja em honra dos poetas mortos Mieckiwiez, Krasinski e Slowacki. Este costume nacional foi tolerado. As auctoridades russas sabiam tambem que se preparava uma manifestação, em honra dos polacos mortos em 1831, na batalha de Grochow, mas não a prohibiram. No dia marcado para a manifestação, e quando o cortejo se poz em marcha, a tropa deu-lhe uma carga, sem intimação previa, juncando a rua de cadaveres. Dias depois foram dispersados a tiro os acompanhantes do cadaver de um simples particular, cahindo feridas mais de sessenta pessoas. Em nenhum dos dias se encontraram armas nas mãos dos patriotas.

A Polonia vestiu-se de luto. O desespero chegou ao seu auge e os polacos pegaram em armas, apresentando ao mundo o famoso spectaculo da insurreição de 1861 a 1862, que durante muitos mezes foi alentada pelos gabinetes de Paris e de Londres. A causa polaca era tão sympathica que até a Austria parecia querer entrar n'uma triplice alliança, com a França e a Inglaterra, contra a Russia.

O imperio moscovita triumphou, e em 1867 um ukase imperial declarou que ficavam supprimidas todas as instituições administrativas centraes do reino da Polonia, devendo os ramos locais de cada administração ser submettidos á direcção dos respectivos ministerios de S. Petersburgo.

Foi assim que a Russia rasgou os tratados de Vienna, os quaes haviam garantido aos polacos instituições e uma representação nacional.

A Prussia tem procurado, por todos os meios suaves ou violentos, germanisar os polacos do granducado de Posen. A Austria applica os processos russos e prussianos á assimilação da Galicia, e não obstante haver sido a principal obreira do edificio de 1815, foi uma das primeiras a destrui-lo, supprimindo em 1846 a republica de Cracovia.

Esta republica tinha uma grande importancia strategica e commercial e ficava independente, justamente por se dar o facto de todos a quererem. A Austria assalariou falsos patriotas que se revoltaram, para provocar uma occupação militar, e em 1846, como acabamos de dizer, o gabinete de Vienna, convencendo a Russia e a Prussia de que a pequena republica era um foco de conspirações, baseando-se na necessidade justificada pelos direitos que cada estado tem de se prevenir contra o perigo que o ameaça, e depois de haver lançado a mão ao cubitado territorio, declarou á Europa que as tres potencias protectoras revogavam e supprimiam o tratado de 3 de maio de 1815, em consequencia da cidade de Cracovia e o seu territorio serem

incorporados á Austria.

Não foi o direito popular que rasgou d'esta vez os tratados da Santa Alliança, mas sim quem mais havia trabalhado para levantar a impotente e fragil fortaleza contra os principios da revolução.

Depois d'isto, que idéa poderá fazer-se da fé dos tratados?

Exemplos d'estes houve-os, ha-os e ha de havel-os em todos os tempos. Tratados são papeis, e estes rasgam-se com muita facilidade. A diplomacia pode muito, é certo, mas a força bruta annulla frequentemente a sua acção.

Não vemos nós rasgar quasi todos os dias um pedaço do tratado de Berlim, assignado em 1882 na capital do imperio allemão, pelos plenipotenciarios de todas as grandes potencias?

Repetimos:—a fé dos tratados é apenas uma phrase!

A. C.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



UM GUARDA VIGILANTE

A voz do conquistador calou mais no espirito de Alexandre I, do que a do liberal e mystico christão, e as referidas provincias, com os seus dez milhões de almas, foram incorporadas no imperio russo, sendo divididas em nove governos.

Não foi risonha a sorte dos polacos do reininho fundado em 1815. A liberdade individual foi violada, campeando a perseguição contra os que mostravam amar a sua patria. As duas camaras da dieta de Varsovia protestaram, em 1830, contra as violações da Carta Constitucional, contra a espionagem que penetrava até ao seio das familias, e contra as torturas soffridas pelos prezos politicos, que atulhavam os carceres do tyranno.

A insurreição rebentou, mas foi vencida em Grochowa em 1831. O czar Nicolau desterrou para o Caucaso quarenta e cinco mil familias, tanto do reino como das provincias russificadas; a Constituição foi supprimida, desapparecendo as instituições nacionaes. Essa politica de aniquilamento estendeu-se até á instrucção publica, sendo permittido apenas o ensino da mathematica e da pintura. Um barbaro ministro da epocha dizia preferir que os polacos pintassem e não pensassem. O theatro foi muito vigiado, prohibindo-se todas as peças que podessem avigorar di-